

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I
CENTRO EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA-PARFOR/CAPES/UEPB**

ROBERTA BRITO DA SILVA

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA
DOS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL JOSÉ INÁCIO
TAVEIRA- FAGUNDES/PB.**

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO - 2019

ROBERTA BRITO DA SILVA

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA DOS
ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL JOSÉ INÁCIO TAVEIRA-
FAGUNDES/PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba como requisito final
para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Maria Marilene Dantas Vigolvino

CAMPINA GRANDE-PB

JUNHO – 2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Roberta Brito da.
Dificuldade de Aprendizagem na Leitura e na Escrita dos Alunos da Escola Pública Municipal José Inácio Taveira-Fagundes/Pb [manuscrito] / Roberta Brito da Silva. - 2019.
28 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Marilene Dantas Vigolvino, Departamento de Educação - CEDUC."
1. Alfabetização. 2. Leitura. 3. Prática pedagógica. I. Título
21. ed. CDD 372.6

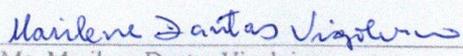
ROBERTA BRITO DA SILVA

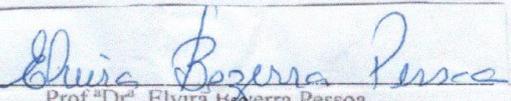
**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA DOS
ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL JOSÉ INÁCIO TAVEIRA-
FAGUNDES/PB.**

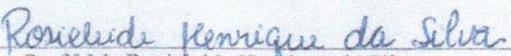
Relatório Técnico Científico apresentado
ao curso de Licenciatura em Pedagogia,
Centro de Educação- Campus I da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito final à obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.
Área de Concentração: Anos Iniciais do
Ensino Fundamental.

Aprovada em: 15 de junho de 2019

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ma. Marilene Dantas Vigolvin
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB
Orientadora


Prof.^a Dr.^a Elvira Bezerra Pessoa
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB


Prof.^a Ma. Rosicleide Henrique da Silva
Universidade Federal da Paraíba /UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida. Pela força que me concedeu para que concluísse esse trajeto;

Aos meus pais, por terem acreditado em mim, quando eu era capaz de caminhar com “minhas próprias pernas”, garantindo minha escolarização.

Ao meu esposo Rildo e a minha filha Maria Clara, por terem estado sempre ao meu lado, me apoiando, incentivando e por terem compreendido cada vez que precisei ausentar-me, essa vitória, também, é deles.

Aos colegas, pelos momentos em que juntos fomos suportes mútuos, vivemos momentos inesquecíveis que serão, carinhosamente, guardados.

A minha amiga Tatiane, que sempre me apoiou e me deu forças.

A professora, Marilene Virgolino, que contribuiu, significativamente, para o andamento produtivo e eficiente deste trabalho e, também, pela contribuição valiosa na minha formação, pois esteve sempre disposta a ajudar, à senhora, deixo o meu sincero e eterno obrigado!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 O QUE É LEITURA E O ATO DE LER	07
3 LEITURA E ESCOLA	09
4 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA.....	11
5 CARACTERIZANDO O CAMPO DE ESTÁGIO	17
6 REFLETINDO MINHA PRÁTICA DOCENTE	18
6.1 OBSERVAÇÃO	18
6.2 A INTERVENÇÃO DO DOCENTE: DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	19
6.2.1 TRABALHANDO AS DIFICULDADES DOS ALUNOS POR NÍVEL CONCEITUAL DA LEITURA E DA ESCRITA.....	22
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	26

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA DOS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL JOSÉ INÁCIO TAVEIRA- FAGUNDES/PB.

RESUMO:

Este relato destina-se a refletir acerca do processo de ensino aprendizagem em nível de alfabetização, no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita. Para isso, buscamos o suporte teórico em: Carleti (2007); Freire (1989); Ferreiro (2011); Souza (1997); Cardoso e Peloso (2007); Santos & Lunardelli (2010) e outros. A partir disto, apontamos concepções de leitura e escrita numa concepção de psicolinguística sobre linguagem. Além disso, discutimos sobre a importância do trabalho com escrita e leitura na prática pedagógica para o desenvolvimento de habilidades próprias desses processos. Esse trabalho deve ser constante em sala de aula, pois além de ampliar a própria visão do docente quanto ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem em sua prática, contribui para formação de indivíduos capazes de dominar conhecimentos necessários para exercício da cidadania, ou seja, torná-los conscientes de seu papel social. Dessa forma, tivemos como objetivo analisar as dificuldades encontradas, no processo de aquisição da leitura e da escrita, durante o estágio supervisionado III, no ensino fundamental I, em uma turma na qual sou a professora titular, ou seja, uma escola pública municipal, que fica localizada em Fagundes-PB.

Palavras-chave: Prática Docente. Alfabetização. Leitura. Escrita

DIFFICULTY OF LEARNING AND WRITING OF STUDENTS IN THE MUNICIPAL PUBLIC SCHOOL JOSÉ INÁCIO TAVEIRA-FAGUNDES / PB.

*Roberta Brito

ABSTRACT

This report is intended to reflect on the process of teaching learning in the literacy level, as regards the acquisition of reading and writing. For this, we seek theoretical support in: Carleti (2007); Freire (1989); Blacksmith (2011); Souza (1997); Cardoso and Peloso (2007); Santos & Lunardelli (2010) and others. From this, we point out conceptions of reading and writing in a conception of language psycholinguistics. In addition, we discuss the importance of work with writing and reading in pedagogical practice for the development of skills of these processes. This work must be constant in the classroom, because in addition to broadening the teacher's view on the development of teaching-learning in their practice, contributes to the formation of individuals capable of mastering the knowledge necessary for the exercise of citizenship, aware of their role Social. Thus, we aimed to analyze the difficulties encountered in the process of acquisition of reading and writing during the supervised stage III, in elementary school I, in a class in which I am the titular teacher, that is, a municipal public school, which is located in Fagundes-PB.

Keywords: Teaching Practice. Literacy. Reading. Writing

*Aluno de Licenciatura em Pedagogia na UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-Campus I
clarabrito764@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita devem fazer parte da infância de toda criança. E muitas vezes ela só tem o contato direto com estas quando estão na escola. No entanto, se levarmos em consideração a atual conjuntura educacional e social marcada pelo avanço tecnológico e a globalização em que nos encontramos, torna-se cada vez mais notório a importância da prática da leitura e da escrita como forma de integração do indivíduo na sociedade. Sendo assim, a leitura e a escrita são exigências que induz a repensar as práticas docentes no âmbito escolar e sua função na formação de cidadãos críticos. É perceptível, a necessidade de dinamizar o processo de aprendizagem no ensino, a fim de torná-lo mais significativo para a vida dos discentes dentro e fora do espaço escolar, tendo em vista que é também da escola a responsabilidade de formar cidadãos ativos e conscientes que possam atuar criticamente dentro da sociedade.

Desta forma, este trabalho intitulado “a contribuição da leitura e da escrita para o processo de alfabetização” tem por finalidade relatar as experiências vivenciadas no estágio supervisionado III em ensino fundamental I, em uma turma na qual sou a professora titular, contexto de escola pública municipal, que fica localizada em Fagundes-PB, assim como enfatizar a importância de valorizar e inserir o ensino contextual da leitura e escrita desde as primeiras séries de ensino.

Ao levar em consideração a complexidade do processo de aquisição da leitura e da escrita, optamos averiguar como as crianças da turma em estudo se encontravam nesse processo, ou seja, quais as dificuldades que poderiam apresentar e que, de certa forma, poderiam interferir em sua aprendizagem no tocante a essas habilidades. Assim, essas dificuldades serão identificadas através de um diagnóstico feito por meio do teste das quatro palavras e uma frase, como sugere Emília Ferreiro.

No que refere à organização do artigo, este trabalho encontra-se disposto na seguinte forma: Três tópicos iniciais voltados para a revisão de literatura, a saber: O que é leitura e o ato de ler; Leitura e escola; O processo de aquisição da leitura e da escrita. Os quais servirão de apoio para as análises e reflexões sobre a prática docente desenvolvidas no quarto tópico; quinto tópico resulta nas considerações finais seguidas das referências.

2. O QUE É LEITURA E O ATO DE LER

O conceito de leitura está geralmente restrito à decodificação da escrita. Entretanto, a leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. É nesse sentido que Kleiman (2008), expressa sua compreensão sobre essa questão, ressaltando que a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos.

Para Aurélio Leitura é: 1. ato ou efeito de ler; 2. Arte ou hábito de ler; 3. Aquilo que se lê; 4. O que se lê, considerado em conjunto. 5. “Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério”. (AURÉLIO,1988, p.390). Assim, um indivíduo pode ser considerado leitor quando passa a compreender o que lê. De acordo com Freire (1989), a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. Entretanto a leitura da palavra permite com que continuemos a ler o mundo, ou seja, a leitura é associada à forma de ver o mundo. É possível dizer que a leitura é um meio de conhecê-lo. Isto é, quanto mais conhecermos sobre o mundo em geral mais possibilidades teremos de entender o que lemos ou ouvimos. Isso também vale para as crianças. Elas se comunicam utilizando o que ouvem, somado ao que já sabem.

Corroborando com esta ideia, Souza (1997) afirma que leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento, lugar e as circunstâncias sob influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade. Nesse sentido, a prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta, por esse motivo é que ela se tornou um instrumento essencial em nossa sociedade, tendo em vista que está relacionada a muitas de nossas atividades, como no trabalho, no lazer ou mesmo em nossa rotina, ao fazermos compras ou ler um bilhete.

A leitura é, sem dúvida, a base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Para compreendermos essa concepção trazemos para discussão nesse texto algumas ideias de alguns estudiosos no assunto.

Para Carletti (2007), a leitura é o meio mais importante para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico para atuar na sociedade. O ato de ler é uma forma exemplar de aprendizagem:

Durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. (CARLETI, 2007, p.2).

Logo, a leitura se constitui em um dos meios mais importantes para a construção de novas aprendizagens, pois possibilita o fortalecimento de ideias e ações, amplia os conhecimentos, favorece a aquisição de novos conhecimentos gerais e específicos, ensejando a ascensão de quem lê a níveis mais elevados de desempenho cognitivo, como a aplicação de conhecimentos a novas situações, a análise e a crítica de textos e a síntese de estudos realizados. É algo crucial para a aprendizagem do ser humano, pois é através da leitura que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Com isso o leitor descobre novos aspectos da vida que ainda não tinha pensado, desenvolvendo um novo olhar sobre o mundo e sobre o entendimento do outro ser. Assim os seus horizontes são ampliados.

Por meio da leitura a comunicação também adquire maior fluência. Segundo Cardoso e Pelozo (2007), ela desenvolve a capacidade intelectual do indivíduo e a criatividade e deve fazer parte do cotidiano. Entretanto, Kriegl (2002) afirma que ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura. Assim sendo, os primeiros contatos do indivíduo com a leitura são de fundamental importância para suas percepções futuras, pois interferem na formação de um ser humano crítico, capaz de encontrar as possíveis resoluções para os problemas sofridos pela sociedade a qual pertence. Sendo assim, a reflexão sobre o ensino e incentivo da leitura é indispensável nos dias de hoje já que sua atuação é importante e devem ser iniciadas desde os anos iniciais escolares, através de textos, frases, palavras, sílabas e letras, fazendo com que tudo isso crie sentidos para a criança e a forma como isso é gerenciado é que poderá criar o hábito pela leitura de maneira estimulante e fascinadora.

A partir dessa reflexão, compreendemos que influência dos adultos para a leitura é bastante importante para a criança, na medida em que, são vistos como referência, e que ao ler ou escrever podem ser imitados por ela. Seguindo esta linha de pensamento, pode-se dizer que é função da escola criar condições para que o aluno se perceba como sujeito/leitor, como também é tarefa do professor se colocar como leitor.

3. LEITURA E ESCOLA

Pensar a relação entre leitura e escola é, de certo modo, pensar na distancia que separa os indivíduos pertencentes aos grupos sociais economicamente privilegiados, cujo acesso a leitura e a escola é permitido; e a dos indivíduos pertencentes às camadas populares, que nem sempre possuem o acesso à leitura e que, na escola, é totalmente liberado. Desse modo, cabe à escola não conceber essa distancia como deficiência ou uma diferença que cause opressão, mas minimizar as desigualdades sociais, presentes na sociedade; pois, para muitas crianças, principalmente das classes populares, o hábito de ler pode ser iniciado na escola. Nesse sentido, a escola passa a ter a função de desenvolver e promover o estímulo e acesso à leitura. E o professor, por sua vez, aquele que busca pelo saber oferecer meios sedutores para despertar do desejo de conhecer o mundo dos livros e da leitura.

Assim, o período de iniciação escolar e o aprendizado da leitura especificamente para os alunos das camadas populares, se tornam fundamentais sobre o significado que eles irão ter ao longo de sua trajetória escolar acerca dos livros, haja vista que é durante os anos iniciais da escolarização que eles poderão construir o gosto pelo ato de ler.

Cardoso e Pelozo (2007) afirmam que nos primeiros anos de escolarização o discente precisa ser incentivado e instigado a ler, de modo que se torne um leitor autônomo e criativo. Nesse sentido entendemos que a escola se constitui em um espaço por excelência para o desenvolvimento do hábito da leitura. Para tanto, ela necessita criar meios facilitadores para essa aprendizagem, cujas condições deverão ser conduzidas pelo professor, que se tornará um mediador das situações em sala de aula. Desse modo o aprendizado da leitura não se tornará um ato mecânico e enfadonho.

O desenvolvimento do hábito da leitura, como também o trabalho com a escrita, não devem ser separados, pedagogicamente falando, e ambos devem ser funções primordiais da escola, já que, ler e escrever são ações inerentes ao ser humano que vive em sociedade. Assim, incentivar o gosto e a paixão dos alunos para que possam tirar proveito pessoal da leitura precisa ser objetivo de toda a escola. É muito importante que a escola contribua para a preparação de alunos capazes de participar como sujeitos do processo de desenvolvimento da aprendizagem da leitura, pois,

(...) entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade. (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2).

Sem dúvida, o ensino da leitura requer uma prática que possibilite à compreensão do assunto lido e não simplesmente repetição de informações, para que assim, criticamente, possa se dar a construção do conhecimento e a produção de qualquer outro texto. Fazer da leitura algo constante no ambiente escolar, levando o aluno a ter contato com variadas obras auxilia o desempenho destes em relação a diversas atividades futuras.

De acordo com Freire (1989), linguagem e realidade precisam ser relacionadas dinamicamente e a experiência de vida dos alunos ser valorizada. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreendendo, interpretando, relacionando o que se lê com a própria vida, ações, sentimentos. As crianças leem quando os textos apresentam significados para elas. Assim, torna-se importante o estímulo a uma leitura significativa e contextualizada, que leve em conta as experiências do aluno enquanto participante do processo de aprendizagem e contribui para uma melhor e mais agradável aquisição do processo de leitura, mantendo-a viva.

Delmanto (2009) ressalta que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores, ou seja, a escola deve direcionar o seu trabalho para práticas cujo objetivo seja desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uso da leitura para enfrentar os desafios da vida em sociedade. A autora ainda acrescenta que, diante das diversas transformações, com as quais, convivemos a escola precisa, mais do que nunca, fornecer ao estudante os instrumentos necessários para que ele consiga buscar, analisar, selecionar, relacionar e organizar as informações complexas do mundo contemporâneo.

Pode-se perceber o papel primordial que a escola desempenha na criação do hábito da leitura, oferecendo aos alunos atividades em que possam interagir com a leitura e a escrita partindo de suas necessidades. É dela a responsabilidade em promover estratégias e condições para que ocorra o crescimento individual do leitor despertando-lhe interesse, aptidão e competência. Nesse sentido, biblioteca ou um espaço reservado à leitura certamente favorecerão a obtenção de resultados satisfatórios quanto aos objetivos almejados para o desenvolvimento das práticas leitoras. A oportunidade de ler, ou seja, a disponibilidade de livros representa um papel decisivo no despertar do interesse pela leitura. Por esse motivo, no âmbito escolar, a leitura está vinculada a alfabetização, assumindo assim um caráter de aprendizagem.

4. O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

O professor, como já evidenciado, é um grande formador de opinião e devido a essa aptidão ele pode, a partir dos primeiros anos, implantar conceitos de leitura e prática diária em sala de aula. É nesse espaço que figura um bom lugar para construir uma consciência acerca da importância de ler. Cabe ao educador proporcionar momentos de prazer com atividades criativas que despertem o interesse e o envolvimento dos alunos pela leitura, de modo que possibilite o desenvolvimento intelectual e pessoal de seus alunos.

Um ensino mais produtivo deve propor soluções adequadas para cada situação de aprendizagem, buscando meios para contribuir com um bom desempenho dos alunos na leitura. Entretanto, no que se diz respeito à leitura e sua prática, é preciso desenvolvê-la, ou seja, permitir que ela seja adquirida inicialmente. Estamos falando então sobre o processo de aquisição da leitura e

Da escrita, que por muito tempo, foi visto como resultado da memorização, pois privilegiava os aspectos gráficos, isto é, importância dada à forma, a estrutura do escrito, foco da maioria dos professores em suas salas de aula. Dessa forma, como se aprendia a ler e escrever quando essa parecia ser a única alternativa de ensino?

Havia uma sequência progressiva sobre esses aspectos gráficos. Iniciava-se com a aprendizagem das vogais, depois dos encontros vocálicos, seguia-se a esses a aprendizagem das consoantes, das famílias silábicas canônicas e não canônicas, das palavras, das frases até chegar à escrita dos textos. E esses textos sempre prontos, sem sentido ou significado para a criança era por ela reproduzido. A alfabetização, nesse sentido, era feita a partir de elementos mais simples ⇒ **Letra, fonema ou sílaba** – que são combinados, formando as sentenças. Essa era a forma do modelo tradicional da educação, cuja figura do professor era central e a transmissão de conhecimentos era frequentemente expositiva.

A criança, nesse processo de leitura e escrita, era concebida como um ser totalmente passivo, incapaz de criar seu próprio texto, dentro do seu tempo e do seu contexto. Nesse sentido, segundo Ferreiro (2011, p.21),

A escola (como instituição) se converteu em guardiã desse objeto social que é a língua escrita e solicita do sujeito em processo de aprendizagem uma atitude de respeito cego diante desse objeto, que não se propõe como um objeto sobre o qual se pode atuar, mas como um objeto para ser contemplado e reproduzido fielmente, sem modificá-lo.

É importante destacar que a aquisição da leitura e da escrita, nessa concepção de reprodução de escrita, não é mais relevante, nos dias atuais, pois muitas mudanças foram efetivadas nas últimas décadas, inclusive acerca da criança e como ela é vista para o ensino, que atualmente a atende e a evidencia em suas necessidades. Assim, ler e escrever vai além da decifração ou memorização do código escrito. Entretanto, é necessário ainda mudanças nas práticas alfabetizadoras, levando as crianças a compreenderem o sistema alfabético de escrita, as funções sociais da escrita, a lerem e interpretarem textos e fazerem correspondência em diferentes gêneros e tipos textuais, a produzirem textos coerentemente nos diferentes registros, e por fim, terem segurança no uso da língua escrita, como afirma Ferreiro (2011).

É extremamente preocupante que crianças passem tanto tempo nas escolas e delas saiam sem que saibam ler e escrever proficientemente. Resultado da política educacional, cujo programa não abrange o contexto de cada criança, seja da cidade ou do campo. Tratam todas como se fossem iguais, como se os aprendizados fossem homogêneos, como se a cultura fosse à mesma. Portanto, diante dessa problemática, Ferreiro (2011, p.59) faz uma analogia:

O direito à saúde significa, entre outras coisas, o direito de todo o indivíduo a uma atenção médica atualizada, de acordo com os avanços científicos e técnicos dessa área profissional. O direito a alfabetização não pode significar menos que isso.

Pensando na alfabetização como um direito da criança, a partir de 1974, a autora desenvolveu na Universidade de Buenos Aires uma série de experimentos com crianças que deu origem às conclusões apresentadas em *Psicogênese da Língua Escrita*, publicado em 1979. Assim, de acordo com as teorias apresentadas nessa obra de Emília Ferreiro, a leitura e escrita estabelece uma relação entre a evolução da escrita e a proposta (gênese), onde o caráter de suas investigações é psicológico e não pedagógico (psico), por esse motivo o termo psicogênese. Dessa forma, o seu enfoque é a explicação de como se aprende a ler e escrever e não é a criação de um método de alfabetização, tarefa específica do educador. No seu ponto de vista a criança, quando chega a escola, já possui um notável conhecimento de sua língua materna. Vive no mundo de escrita e pensa sobre o processo da escrita. Nesse sentido, o Processo de aquisição da linguagem escrita precede e excede os limites escolares.

Os estudos psicogenéticos da aquisição da leitura e escrita realizada por Emília Ferreiro desafiam ainda a repensar os princípios pedagógicos e a rever as concepções de conhecimentos ensinados e aprendizagem. Tendo assim uma proposta de inovação na alfabetização, os quais podem ajudar a compreender melhor os níveis do conhecimento da escrita e leitura do sujeito não escolarizado, ou não alfabetizados e ampliar os recursos metodológicos que os ajudem a avançar no processo de construção do sistema escrito, superando os conflitos cognitivos próprios das hipóteses criadas em cada um desses níveis.

A autora afirma que a aprendizagem não é um processo meramente perceptivo, mas construtivo, e aprender não é apenas adquirir hábitos, é transformar o que vai conhecer.

Assim, a criança passa por etapas que constituem os níveis silábicos e alfabéticos, até alcançar o ortográfico, isto é, quando a criança compreende que as diferenças das representações escritas se relacionam com as diferenças na parte sonora das palavras que permanecem, a questão de descobrir que espécies de recorte da palavra pronunciada são o que correspondem aos elementos da palavra escrita.

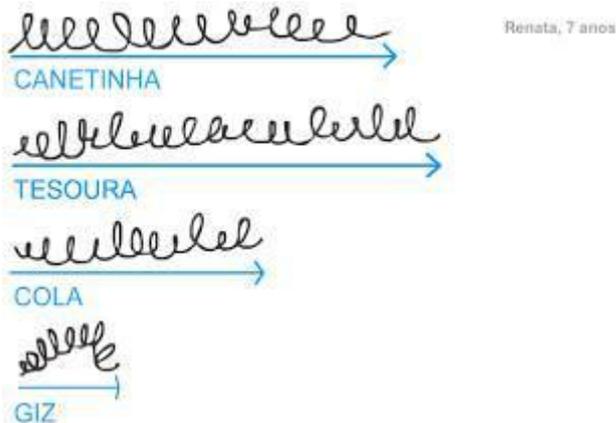
A escrita na representação baseia-se em uma construção mental que cria suas próprias regras, escrever não é transformar o que se ouve em gráficos, assim como ler não equivale a produzir com a boca o que o olho reconhece visualmente. Dessa forma, esse conjunto de relação entre a escrita (grafema) e o som pronunciado (fonema) não é simplesmente aprendido pela criança, mas construindo é reinventando por ela.

Assim, Ferreiro e Teberosky (1999) destacaram dentre as hipóteses de construção externadas pelas crianças, quatro hipóteses fundamentais para compreensão de como as crianças adquirem a linguagem de níveis de concepção da escrita. São elas:

Nível pré-silábico: subdividido em dois níveis, nessa fase, a criança não traça o papel com a intenção de realizar o registro sonoro do que foi proposto para a escrita.

a) Nível 1 ou pré-silábico 1(Não há correspondência som-grafia): A distinção básica entre desenhar (modo de representação ligado às características físicas e as formas dos objetos) e escrever vai sendo construída pela criança, tanto nas situações da escrita quanto nas situações de leitura. Ela traça linhas onduladas ou em ziguezague. Essas marcas não têm relação com o registro sonoro da palavra e não se diferencia entre si e somente a própria criança consegue interpretá-las e o faz de modo instável.

Exemplo do pré-silábico I:



b) **Nível 2 ou pré-silábico 2** . A criança sabe que há uma quantidade mínima de caracteres e que seu emprego é necessário para a escrita, por isso tenta criar diferenciações entre os grafismos produzidos, a partir do arranjo das letras que conhece (por poucas que sejam), mas sua escrita continua não analisável, apesar de já saber que não se escreve com desenhos ou caratujas. Exemplo:



Nível silábico:

Nesse nível a criança descobre a lógica da escrita, percebendo a correspondência entre a representação escrita das palavras e as propriedades sonoras das letras, mas pensa que cada letra representada é uma sílaba oral, ou seja, escreve uma letra para cada emissão sonora (cada sílaba), tendo como estratégia atribuir a cada letra ou marca escrito (uma letra, pseudolettra ou

até um número) o registro de uma sílaba falada, enxertando letras no meio ou final das palavras por acreditar que, assim, está escrevendo corretamente. Nessa fase, seu maior conflito são as palavras monossílabas - para ela é necessário um número mínimo de letras para cada palavra.

O nível silábico se desdobra em dois:

a) Silábico sem valor sonoro:

- A criança ainda não faz relação do som com a grafia da letra que utiliza;
- A escrita ainda não é percebida como representação da fala para a criança.
- A criança usa uma letra para representar cada sílaba, sem se preocupar com o valor sonoro. Exemplo:

ABI	RA
Pipoca	suco

EABR

Brigadeiro

b) Silábico Com valor sonoro:

- Para a criança a escrita começa a representar a fala, percebendo a relação de som com a grafia e começa a escrever uma letra para cada sílaba.

Exemplo:

	CVU	
	K A O	<u>Dilábico</u>
	K V L	
<i>consoante</i> →	C V O	
	C A U	
	K A U	
	A A U	

Nível silábico-alfabético

Nesse nível ocorre então a transição da hipótese silábica para a alfabética. O conflito que se estabeleceu - entre uma exigência interna da própria criança (o número mínimo de

grafias) e a realidade das formas que o meio lhe oferece, faz com que ela procure soluções. Ela, então, começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente. **Exemplo:**

Silábico -
Alfabetico

KVALU
CAVALU
KVALO
CAVLU
CAVLO

carvalos →

Nível alfabético

Caracteriza-se pela correspondência entre fonemas e grafemas, quando a criança compreende a organização e o funcionamento da escrita e começa a perceber que cada emissão sonora (sílabas) pode ser representada, na escrita, por uma ou mais letras. A base alfabética da escrita se constrói a partir do conflito criado pela impossibilidade de ler silabicamente a escrita padrão (sobram letras) e de ler a escrita silábica (faltam letras). Neste nível, a criança, embora já alfabetizada, escreve ainda foneticamente (como se pronuncia), registrando os sons da fala, sem considerar as normas ortográficas da escrita padrão e da segmentação das palavras na frase.

Exemplo:

CAVALO

Alfabetico

Fica perceptível que toda e qualquer criança passa por esses cinco níveis até alcançar essa complexidade da escrita e que cada uma tem o seu próprio ritmo de transição de um nível a outro, o que deve ser atentado pelos alfabetizadores, pois um grande erro presente nesse processo de aquisição da leitura e escrita pela criança é a falta de conhecimento por parte dos docentes, em que desconhecem que cada criança possui as suas próprias necessidades e

dificuldades, e que deve ser levado em conta, já que nem todas aprendem com a mesma facilidade.

É necessário que o alfabetizador conheça os níveis que envolvem o processo de aquisição da leitura e da escrita para que assim possa intervir pedagogicamente e da melhor forma possível garantindo assim a aprendizagem da leitura e da escrita, pois ao saber em que nível a criança se encontra nesse processo, como aponta Ferreiro, um dos métodos mais utilizados é o teste das quatro palavras e uma frase. E para que o aluno passe de um nível a outro é necessário que o mesmo adquira algumas noções a partir da construção das suas hipóteses.

5. CARACTERIZANDO O CAMPO DE ESTÁGIO

O estagio na fase de observação foi realizado na Escola Municipal José Inácio Taveira, localizada na zona rural a 9 km da cidade de Fagundes/PB, no período de 27 a 31 de agosto, no turno da manhã, na turma A - multiseriado (pré-escolar, primeiro e segundo ano), do Fundamental I. No entanto, será foco desta pesquisa analisar apenas os alunos do segundo, a turma em questão é composta por seis crianças, com idade entre seis e oito anos.

É interessante ressaltar que a escola atende a uma clientela de crianças oriundos da classe trabalhadora, filho de agricultores, trabalhadores rurais, operários e beneficiários do programa bolsa família, contando com os seguintes recursos técnicos e pedagógicos: mapas, globos, TVs, microfones, aparelho de DVD, micros system, notebook, computadores, impressora, livros didáticos e etc. Recebe, também, recursos financeiros através do Governo Federal como: PDDE; PDE na Escola; PNAIC; PNLD; PNLD-EJA; PROINFO; Programa Mais Educação; Programa Saúde na Escola (PSE); Programa Nacional ao Transporte Escolar; Programa Comunidade Escolar e Programa Mais Cultura.

A escola possui Conselho Escolar e de Classe, que se reúne no final do ano, para avaliar, coletivamente, o desenvolvimento, as habilidades e competências dos estudantes. O planejamento da escola ocorre a cada bimestre, o chamado planejamento bimestral, que envolve todas as escolas do município. As reuniões de pais e mestres segundo a direção acontecem com frequência em cada bimestre. A escola tem participado de avaliações nacionais de desempenho como Prova Brasil, Provinha Brasil, Olimpíada Brasileira de Matemática nas Escolas Públicas (OBMEP), a SOMA e dispõe de um corpo docente composto por: dois professores, uma auxiliar de serviços gerais e um diretor.

O corpo discente da escola, com o total de 27 alunos, se divide da seguinte forma: Em duas turmas sendo multiseriado, sendo uma turma com o pré-escolar, primeiro e segundo ano. E outra turma com terceiro, quarto e quinto ano, funcionando só na parte da manhã.

6. REFLETINDO MINHA PRÁTICA DOCENTE

Na construção do conhecimento o professor precisa levar sempre consigo a reflexão da sua práxis pedagógica, já que esses conhecimentos são resultantes da relação entre teoria e a prática e deve estar fundamentado nos princípios básicos de desenvolvimento no aprendizado infantil, levando em consideração as fases e níveis de construção do conhecimento. Em relação à didática, é importante lembrar que o professor deve ser um pesquisador contínuo, assíduo, para que sempre que necessário possa aperfeiçoar-se, adequar-se a realidade do aluno e, de fato, promover o crescimento na aprendizagem.

6.1 OBSERVAÇÃO

O projeto de leitura e escrita no ciclo I do Ensino Fundamental, desenvolvido pela professora Roberta Brito, coloca em discussão a busca de um caminho para viabilizar a formação de leitores e produtores de textos, que possam desempenhar a tarefa de ler e escrever com crescente segurança e autonomia. Foi realizado numa turma de multiseriado, envolvendo alunos do pré-escolar, primeiro e segundo ano, contudo, neste trabalho, teremos como objeto de pesquisa, descrever e analisar, apenas as crianças do segundo ano. A fim de enfatizar, que a leitura é essencial para um processo de escrita eficiente. Ambas estão associadas e devem caminhar mutuamente.

Um trabalho pedagógico concebido no âmbito dos projetos supõe que o processo de ensino-aprendizagem seja marcado por características que o definem como sendo capaz de englobar os conhecimentos escolares com a vida cotidiana, ou seja, com o real, para que o aluno melhor compreenda o mundo que o rodeia. Sendo assim, considerar o aluno como agente participante e ativo no processo de ensino-aprendizagem; seguir um planejamento flexível e coletivo para o desenvolvimento dos projetos; tornar o aluno autônomo frente à busca do conhecimento, ou seja, desenvolver a pesquisa; avaliar individual e coletivamente o projeto e socializar os resultados obtidos; são fatores que permitem, de fato, que a criança se desenvolva e se reconheça como sujeito crítico/consciente de sua prática em sociedade.

Dessa forma, trabalhar com o projeto “leitura e escrita nas series iniciais” possibilita aos alunos a compreensão de diversos conteúdos não de forma decorativa, mas de maneira interdisciplinar e estimulando o aluno à procura autônoma de conhecimentos que lhe sirvam para sua vivência em sociedade.

Acredita-se que uma das vias para se vencer esse grande desafio, que é formar leitores e produtores de textos aptos para enfrentar as exigências dessa sociedade globalizada, seja o desenvolvimento dos projetos de leitura e escrita nas salas de aula, sendo esses propiciadores de situações reais de aprendizado.

6.2 . A INTERVENÇÃO DOCENTE: DISCUSSÃO E RESULTADOS

A observação me permitiu pensar e refletir mais cuidadosamente sobre minha prática docente e, em particular, sobre as atividades que são desenvolvidas em sala de aula e seu papel para um melhor desempenho dos alunos, notadamente, na escrita, enfim, na qualidade do ensino e da aprendizagem. Assim, em busca da tão desejada qualidade e rendimentos dos alunos, buscamos utilizar em sala de aula os mais diversos recursos didáticos como, por exemplo, poesias (durante essa semana de reflexão comecei a trabalhar o poema “Leilão de Jardim”), histórias, entre outras. Contudo, as dificuldades com relação à leitura e escrita ainda são presentes entre os meus alunos e uma constante preocupação para mim.

Diante de tal problemática senti a necessidade de buscar propostas alternativas para ministrar as aulas de forma a incentivar e motivar os alunos na leitura e na escrita, para que pudessem superar/minimizar suas dificuldades e avancarem no aprender a ler e a escrever. Assim, vislumbrei na psicogênese da leitura e da escrita de Ferreiro e Teberosky a abertura para enfrentar os desafios em sala de aula no que diz respeito à aprendizagem da leitura e da escrita.

O desenvolvimento metodológico se deu da seguinte forma: no primeiro momento foi observado o campo semântico que faz parte da convivência dos alunos, através da conversa e da interação entre professor e aluno, ou seja, o campo semântico era “frutas”.

O segundo momento, introduzimos a temática da leitura e escrita de nomes das frutas que faziam parte da convivência das crianças, de maneira concreta, por meio de uma feirinha de frutas, contendo uvas, bananas, maçãs, goiabas, mangas, jacas, laranjas, todas estavam com placas com seus respectivos nomes. Durante a feira, pedimos que as crianças anunciassem as frutas que estavam à venda, analisamos nesse momento como eles as pronunciava. Trabalhamos a oralidade, enfatizando os nomes das frutas e depois realizamos o lanche com

as mesmas. Em seguida, pedimos que as crianças realizassem desenhos das frutas no caderno e escrevessem os nomes delas. Por meio de uma roda de conversa, explicamos as crianças que iriam realizar uma atividade no dia seguinte e que seria importante elas praticarem em casa a pronúncia das frutas estudadas em casa com seus familiares.

No dia seguinte, no primeiro momento, demos continuidade ao processo de desenvolvimento da linguagem oral e escrita, por meio da relação do som e da grafia das frutas estudadas, que apresentassem duas sílabas, utilizamos como recurso visual a lousa. No segundo momento, levamos um silabário e pedimos que as crianças identificassem as sílabas que formam as palavras (frutas), e à medida que elas identificassem deveriam sinalizar oralmente as letras que formavam aquelas sílabas. O terceiro momento, solicitamos que os estudantes, escrevessem no caderno os nomes das palavras que estudaram e em casa pesquisassem, recortassem e colassem palavras que apresentassem sílabas semelhantes às das palavras estudadas.

No terceiro dia, retomamos o conteúdo por meio da atividade de casa, pedimos que as crianças expusessem oralmente, as palavras pesquisadas e explicassem sua escolha. No segundo momento, repetimos o processo realizado no segundo dia, mas com palavras de três e quatro sílabas.

No quarto dia, no primeiro momento, retomamos o conteúdo por meio da atividade de casa, pedimos que as crianças expusessem, oralmente, as palavras pesquisadas e explicassem sua escolha para fazer uma frase. No segundo momento, pedimos indagamos as crianças, quanto às características das frutas trabalhadas, no que se refere a sabor, cor, tamanho, forma e etc. Para finalizar, terceiro momento, solicitamos que as crianças construíssem frases com os nomes das frutas, em seguida eles iriam lê-las. A aplicação dessas atividades, que fazem parte do teste das quatro palavras e uma frase, durou quatro dias.

Nome	Nível Conceitual	Hipóteses
Ludyanna, Ano: Idade: 7 anos	Alfabético	Ela já venceu os obstáculos conceituais para a compreensão da escrita, ela ler corretamente, escreve corretamente, ela compreende o sistema de escrita alfabético.

Josinaldo Educação Infantil Idade: 7 anos	Pré-silábico I	Josinaldo não vislumbra que a escrita tem a ver com a pronúncia de cada sílaba, ou seja, não faz a relação entre a letra e o seu som (grafema/fonema). Para escrever as palavras solicitadas no teste ele utilizou algumas letras do seu nome Josinaldo não conseguiu reconhecer as letras que utilizou pra escrever e, conseqüentemente também não leu o que escreveu.
Joelma Ano: Idade: 7 anos.	Alfabético	A aluna já venceu os obstáculos conceituais para a compreensão da escrita. Ela já esta no nível alfabético, pois teve um bom desenvolvimento na hora do teste, a aluna leu corretamente.
Ana Lívia Ano: Idade: 6 anos	Alfabético	Ela já venceu todos os obstáculos conceituais para a compreensão da escrita, corresponde a valores sonoros menores que a sílaba a aluna encontra se no nível silábico, pois não teve dificuldade em escrever as palavras e a aluna leu corretamente.
Julia Maria Educação Infantil Idade: cinco anos	Pré-silábico I	A aluna escreveu apenas uma letra para cada palavra, por exemplo: eu pedi para ela escrever a palavra ovo e ela só escreveu a vogal o, e nas outras palavras ela saiu repetindo as mesmas letras. Julia Maria não conseguiu realizar a frase. Só conseguiu ler algumas letras, ou seja, as vogais.

A partir das dificuldades diagnosticadas pelo teste, como colocadas no quadro acima, passamos então a trabalhar tais dificuldades em sala de aula, buscando minimizar seus efeitos.

6.2.1 TRABALHANDO AS DIFICULDADES DOS ALUNOS POR NÍVEL CONCEITUAL DA LEITURA E DA ESCRITA

23 de Outubro de 2019

Procedimento

No primeiro momento as crianças ficaram sentadas em círculo e passamos a conversar sobre a importância da alimentação saudável e não saudável. Explicamos para elas que a todo o momento o nosso corpo precisa de energia, para andar, correr, falar, estudar e até mesmo para dormir. Levantamos algumas questões do tipo: como, e porque temos que comer? Quem gosta de comer frutas? Qual a sua fruta preferida? O que você mais gosta de comer verduras, frutas ou legumes? E como uma alimentação pode ser saudável? O que precisamos comer para ela ficar saudável?

Em seguida separei as turmas por nível conceitual colocando de um lado as crianças que se encontram no pré-silábico I (educação infantil) e do outro lado as que se encontram no nível alfabético.

Para as crianças da educação infantil foi solicitado que elas ilustrassem em uma folha de papel ofício alimentos saudáveis que conhecem e depois escrevessem (do modo como sabem escrever) os nomes das frutas que desenharam. Depois, entreguei ainda livros para elas pesquisarem alimentos saudáveis e não saudáveis, recortassem, colassem no caderno e escrevessem o nome das frutas que pesquisaram. Enquanto eles realizavam essa atividade, fui trabalhar com os alunos do nível alfabético, ditando 10 palavras com nomes de frutas. Depois dessa tarefa entreguei em tirinhas as palavras escritas de acordo com o padrão da língua portuguesa para que eles comparassem com o que escreveram e fizessem correções. Na medida em que eles faziam essa atividade, fui atender as crianças da educação infantil, pedindo que eles lessem as palavras que escreveram e colaram. Assim, as mesmas palavras eu escrevia no quadro e ao ler, fazia tais questionamentos: quantas letras têm cada palavra? Qual é a letra inicial? E qual era a última letra da palavra? Pedi para que eles circulassem a primeira letra e explicar qual foi a letra que circulou? Os alunos do pré-silábico contaram e colocaram o resultado da contagem das letras ao lado da palavra nas suas próprias produções. Os alunos se saíram super bem.

Para atender as crianças do alfabético, passei uma atividade livre para que os alunos do pré-silábico pudessem realizar de forma autônoma.

31 de Outubro de 2019

Procedimento

Após a rotina da escola, com todos sentados no chão, fizemos uma roda de conversa informativa sobre as atividades desse dia. Inicialmente, coloquei o cartaz exposto com a letra da música “O pato Pateta”, conforme pode ser lida abaixo:

O Pato
 Quem! Quen! Quén! Quen!
 Quén! Quen! Quén! Quen!
 Quén! Quen! Quén! Quen!
 Quén! Quen! Quén! Quen!

Lá vem o Pato
 Pata aqui, pata acolá
 Lá vem o Pato
 Para ver o que é que há

Lá vem o Pato
 Pata aqui, pata acolá
 Lá vem o Pato
 Para ver o que é que há

O Pato pateta
 Pintou o caneco
 Surrou a galinha
 Bateu no marreco
 Pulou do poleiro
 No pé do cavalo
 Levou um coice
 Criou um galo

Comeu um pedaço
 De jenipapo
 Ficou engasgado
 Com dor no papo
 Caiu no poço
 Quebrou a tigela
 Tantas fez o moço
 Que foi pra panela

Quá! Quá! Quá! Quá Quá!
 Quá! Quá! Quá! Quá Quá!
 Quá! Quá! Quá! Quá Quá!

Lá vem o Pato
 Pata aqui, pata acolá
 Lá vem o Pato
 Para ver o que é que há

Lá vem o Pato
 Pata aqui, pata acolá
 Lá vem o Pato
 Para ver o que é que há

O Pato pateta
 Pintou o caneco

Surrou a galinha
 Bateu no marreco
 Pulou do poleiro
 No pé do cavalo
 Levou um coice
 Criou um galo

Comeu um pedaço
 De jenipapo
 Ficou engasgado
 Com dor no papo
 Caiu no poço
 Quebrou a tigela
 Tantas fez o moço
 Que foi pra panela

Caiu no poço
 Quebrou a tigela
 Tantas fez o moço
 Que foi pra panela
 (Vinícius de Moraes)

A leitura oral foi necessária, como procedimento metodológico utilizado, especialmente para esse poema, pois, nesse caso, era de extrema importância que os alunos (principalmente os alunos do pré-silábico) conseguissem enxergar a repetição das consoantes pelos sons, com ênfase ao P que se repete na música/poema todo, como pudemos ver na descrição da letra. Assim, após a leitura oral, compartilhada, do poema para os alunos, eu entreguei uma cópia do poema para cada um. Para o nível pré-silábico pedi para que procurassem no poema as palavras que se iniciavam com a letra P e, em seguida, as circulassem.

Para o nível alfabético, pedi que organizassem uma lista de palavras iniciadas com a letra P e as copiassem no caderno. Feito isso, eles leram em voz alta para os seus coleguinhas e, depois, escreveram no quadro para fazermos a correção. Logo após pedi para que eles retirassem duas palavras para construir duas frases.

Assim, as atividades desenvolvidas para o nível alfabético foram: separação de sílabas, ditado e leitura das palavras estudadas, etc. Para o nível pré-silábico: palavras com a consoante P e outras consoantes que eram repetidas no poema. Ou seja, sempre separava a turma do nível alfabético do pré-silábico, corrigindo a atividade de um e depois a do outro. Enquanto os alunos do alfabético desenvolviam suas atividades autonomamente, trabalhava individualmente com cada aluno do nível pré-silábico.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da prática docente na educação fundamental pudemos perceber como é necessário reconhecer a relevância dos processos de aquisição da leitura e escrita no trabalho docente, uma vez que a leitura e a escrita possuem extrema importância para formar nossa visão sobre o mundo, em termos de linguagem, e se constitui em instrumentos facilitadores da aprendizagem, sobre tudo nos anos iniciais do ensino fundamental, no qual se principia a trajetória rumo à alfabetização.

Ao reconhecer, em minha prática, a importância do desenvolvimento da leitura e da escrita, busquei trabalhar com um projeto didático-pedagógico, cujo foco está na leitura e escrita, que tivesse como objetivo principal minimizar as dificuldades encontradas pelos meus alunos na aquisição desses processos. Essas dificuldades foram identificadas através do diagnóstico obtido pelo teste das quatro palavras e uma frase, o que exigiu de mim muita leitura de autores especialistas no assunto, tornando-se, ainda, mais desafiador por ter como agravante uma turma de níveis diferenciados. Nesse sentido, busquei sempre conciliar diversas tarefas e separar as turmas por níveis, para tornar tudo mais didático e atender as necessidades apresentadas por eles, necessidades essas relevadas nas hipóteses expressas em suas produções escritas.

Assim, o estágio me proporcionou uma complementação e contribuição significativamente para a minha formação acadêmica, visto que as dificuldades encontradas durante a execução do estágio foram muitas, assim como os desafios também. Fato que me moveu a buscar diversas alternativas pedagógicas que me engrandeceram enquanto educadora. Logo, o estágio me possibilitou, na dinâmica das interações em sala de aula, relacionar a teoria e a prática nesse contexto escolar.

REFERENCIAS

CARDOSO, Giane Carrera & Pelozo, Rita de Cássia Borguetti. **A importância da leitura na formação do indivíduo.** Editora FAEF, Revista Científica Eletrônica de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Garça. Ano V – Número 09 – Janeiro de 2007, Garça/SP. Disponível em: <<http://www.revista.inf>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada.** ES, 2007; Disponível em: < <http://www.univen.edu.br/revista>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

DELMANTO, Dileta. **A leitura em sala de aula. Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro.** Ano III. Nº 7. 2009. Disponível em: www.construirnoticias.com.br. Acesso em 17 de outubro de 2011.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização.** 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa.** São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1988.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23ªed. São Paulo: Cortez, 1989.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas: Mercado de Letras, ALB, 1996.

KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

KRIEGL, Maria de Lourdes de Sousa. **Leitura: um desafio sempre atual.** Revista PEC, Curitiba. V.2, jul. 2001-jul. 2002.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes.** RN, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em 10 de outubro de 2011.

SOUZA, A. M. P. R. **As contribuições dos estudos etnográficos na compreensão do fracasso escolar no Brasil.** In: MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. (ORGS.) Psicologia escolar: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento.** 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.